



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

**LEPRA OU A CONSTITUIÇÃO DO IMUNDO: ANÁLISE INTERDISCURSIVA DE TEXTO SACRO**

Washington da Silva Santos  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva  
(UESB)

**RESUMO**

A partir da tradução da bíblia cristã do idioma hebraico para o grego, uma coletividade de doenças cutâneas teve como termo correspondente a palavra lepra. Tal evento associou uma doença existente a uma entidade bíblica conhecida por seu caráter de punição e associação à culpa. Este trabalho teve como objetivo analisar a relação interdiscursiva que constitui e atravessa dois momentos no discurso judaico-cristão em relação ao tratamento dado à lepra: os discursos veterotestamentário e neotestamentário. O *corpus* foi constituído por extratos do texto bíblico tomando como base o cânon protestante da Bíblia na versão Ferreira de Almeida Corrigida e Fiel, e constituído com base em um software para filtragem, tendo como base os seguintes termos chave: lepra, leprosa ou leproso. A abordagem metodológica utilizada para análise foi o dispositivo teórico-analítico da Escola Francesa de Análise de Discurso. Partindo da bíblia como lugar de memória, o texto veterotestamentário revelou uma forte coesão na tomada de posição do sujeito leproso como imundo e designado ao isolamento social. O texto neotestamentário revela uma visão de piedade sobre os imundos em sua aproximação com o divino. A partir destes discursos infere-se que existem dois extremos de tomada de posição, dentre os quais podem-se constituir comportamentos diversos em relação ao leproso: pode-se associar à figura do leproso como o sujeito do pecado, destinado ao isolamento social por punição divina, ou associá-los ao exercício da piedade e reaproximação com os impuros como forma de vivenciar a fé.

**PALARAS-CHAVE:** Lepra, Discurso religioso, Análise de Discurso

---

\*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bolsista convênio UESB – SAEB. E-mail: [wssfisio@hotmail.com](mailto:wssfisio@hotmail.com)

\*\*Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. Email: [edvaniagsilva@gmail.com](mailto:edvaniagsilva@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença da qual se tem conhecimento desde tempos remotos na antiguidade, havendo relatos de sua ocorrência desde 3 a 4 mil anos na Índia, China e Japão (Alves, Ferreira e Ferreira, 2014, p.19). Algo que deve ser levado em conta em relação a esta doença é a construção da imagem do sujeito doente enquanto duplo objeto psicossocial, seja de exclusão ou de piedade. Tal construção se deve ao fato de haver uma ligação com a tradução da Bíblia da língua hebraica para o grego e a constituição da herança judaico-cristã para o ocidente (Ferreira, 2014, p.19).

A partir da tradução bíblica, uma coletividade de doenças de manifestação cutânea ganhou um termo correspondente no idioma grego como lepra (Ferreira, 2014). Neste sentido, o acesso ao texto sacro bíblico, associa uma doença já existente, a lepra, atualmente conhecida como hanseníase, à imagem de uma praga ou punição divina. Destaque-se, no entanto que o mesmo texto bíblico que a introduz, também parece discriminar realidades distintas na figura do sujeito da lepra, o leproso.

O próprio texto bíblico não deve ser considerado uma linearidade em termos discursivos, uma vez considerada sua divisão em velho e novo testamento, seja pelo enfoque dos livros contidos em cada uma destas divisões, seja pela construção/desconstrução de uma figura de exclusão social: o leproso. O texto veterotestamentário tem como enfoque a instituição da lei mosaica, enquanto que o texto do novo testamento discute a temática da vinda do messias que estabelece as bases para o cristianismo, o Cristo.

Neste sentido, este trabalho objetivou analisar a relação interdiscursiva que constitui e atravessa dois momentos no texto sacro judaico-cristão em relação ao tratamento dado à lepra: o velho e o novo testamento. Tal análise tem como foco a constituição do sentido do que é ser leproso e suas implicações, assumindo a Bíblia sagrada, em sua versão canônica adotada pelo protestantismo, como lugar de memória (Nora, 1993).

Assim, o *corpus* utilizado para a análise foi constituído por extratos do texto bíblico tomados utilizando palavras chave para filtragem dentre os versículos e



capítulos existentes. Para seleção dos textos que constituíram o *corpus*, uma vez designadas palavras chave para filtragem, foi realizada a seguinte estratégia metodológica: a partir do software MySword for Android, tomando como base a bíblia na versão Ferreira de Almeida Corrigida e Fiel, utilizou-se a ferramenta de busca para delimitar todos os versículos que tivessem em seu texto um ou mais dos termos-chave: lepra, leprosa ou leproso. Seguiu-se como abordagem interpretativa o dispositivo teórico-analítico da Escola Francesa de Análise de Discurso.

### **A IMAGEM DO IMUNDO OU O TEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO**

Na perspectiva de tomar o texto bíblico como lugar de memória (Nora, 1993), e nisto deve-se esclarecer que o mesmo funciona tanto no aspecto material e simbólico quanto funcional. A partir de uma certa vontade de memória, o texto bíblico constitui-se materialmente como o repositório dos ditames da fé judaico-cristã e ainda, como símbolo da palavra do divino ao humano, bem como no *modus operandi* da fé, por meio dos ritos que revela.

Mas, neste lugar de memória, deve-se identificar um acontecimento (Pêcheux, 2008) base que precipita e norteia o objeto de discurso aqui discutido, a lepra. A partir da constituição da lei mosaica, pilar base do discurso judaico, um certo enunciado deve ser discutido, o leproso se constitui em uma das figuras do que significa ser imundo, revelada sob algumas características discutidas a seguir. Neste sentido, a apresentação inicial no texto sacro está associada a característica física imediata, a de uma pele “branca como a neve” (BÍBLIA, Ex 4:6).

Destaque-se que a menção inicial associada à lepra não a caracteriza, seja como enfermidade ou como praga, mas simplesmente como aquela que deixaria uma parte do corpo, neste caso a mão, branca como a neve. Tal característica se constitui no texto bíblico veterotestamentário como o aspecto semiológico preponderante, a partir de uma perspectiva clínica, que marca o monólogo de constituição da lei mosaica sobre a lepra expressa no livro de levítico, aquele que caracteriza e constitui os mandamentos da lei judaica conforme entregue por Deus a Moisés.



Na constituição da lei sobre a lepra, Deus institui os ditames desta para orientação e cumprimento pelo povo judeu. Em um capítulo bíblico cabal para a compreensão de em que se constitui visualmente a lepra e a implicação na sua identificação observe-se:

*Quando um homem tiver na pele de sua carne, inchação, ou pústula, ou mancha lustrosa/como praga da lepra/se o pelo na praga se tornou branco, e a praga parecer mais profunda do que a pele da sua carne, é praga da lepra; o sacerdote o examinará, e o declarará por imundo(BÍBLIA, Lv. 13:2,3).*

Destaque-se no excerto apresentado que a identificação imediata do leproso pelo sacerdote, o representante divino, é exclusivamente visual, uma praga que marca a carne, incha, mancha e definha o indivíduo. A carne é consumida, ela se aprofunda na carne para asseverar que o leproso foi marcado por uma praga, evento assumido biblicamente como punição aos inimigos de Deus ou àqueles que merecem sua fúria.

Deve-se atentar ainda ao fato que para tal caracterização do sujeito identificada visualmente, o leproso, é atribuída uma característica diante do divino, ele deve ser considerado **imundo**, e os imundos não devem gozar da presença do divino ou da companhia daqueles que não o são. Esta identificação do sujeito, o leproso, introduz uma espécie de tomada de posição coerciva por parte do indivíduo identificado pelo representante divino a partir do discurso instituído. Nesse sentido, o leproso é e deve considerar-se imundo, assim, o que se espera do sujeito deste discurso é uma espécie de passividade penitente daquele que foi tocado por uma praga, ser e considerar-se imundo. Trataremos desse efeito mais adiante.

O texto bíblico prossegue com a descrição de características que permitam identificar o leproso que parece não se evidenciar de imediato: “Mas, se a mancha na pele de sua carne for branca, e não parecer mais profunda do que a pele, e o pelo não se tornou branco, então o sacerdote encerrará o que tem a praga por sete dias/se a pústula na pele se tem estendido, o sacerdote o declarará imundo; é lepra.” (BÍBLIA, Lv13: 4;8) A característica de evidenciar-se a carne como branca repete-se, mas não se institui como suficiente para distinguir o leproso. Apesar da recorrência física do embranquecimento



da carne, notória e imediata em outros textos constitutivos do *corpus*, apenas a autoridade divina, na figura do sacerdote, pode interpelar o indivíduo enquanto sujeito leproso e mais especificamente, uma vez identificado, como imundo.

Sobre o que se espera daquele que é considerado imundo, ou a tomada de posição destes e sobre estes, analise-se o seguinte excerto: “Também as vestes do leproso, em quem está a praga serão rasgadas, e a sua cabeça será descoberta, e cobrirá o lábio superior e clamará: Imundo, imundo./Todos os dias em que a praga houver nele, será imundo; imundo está, habitará só; a sua habitação será fora do arraial” (BÍBLIA, Lv 13: 45,46). Na perspectiva de plena identificação do sujeito (Indursky, 2011), ou a figura do bom sujeito, apesar de ser um conceito atualizado posteriormente por Pêcheux, o que se espera do leproso, ou do imundo é o isolamento social, mas este não será encarcerado, não será agrilhado, correntes não limitarão seu espaço de locomoção.

O leproso enquanto interpelado como imundo deve conviver só, mas se não há limites físicos que o coíbam a conviver com outras pessoas ou no espaço daqueles que não são capazes de identifica-lo como imundo, uma certa ideologia o interpela a assumir esta posição. O isolamento é compulsório, mas apenas se houver uma plena identificação do sujeito com aquilo que sobre si se declara: ele é imundo, e imundos não devem compartilhar dos espaços comuns.

A lepra é ainda caracterizada como uma espécie de punição divina, não somente pela identificação como praga, mas também pela forma como deve ser tratado o indivíduo que se mostre purificado desta. “E o sacerdote que faz a purificação apresentará o homem que houver de purificar-se / e o oferecerá por expiação da culpa/ do pecado/ por aquele que tem de purificar-se da sua imundícia” (BÍBLIA, Lv 14: 11; 12; 19). Logo, uma vez curado/purificado, o indivíduo deve expiar sua culpa e pecado que o fizeram merecedor da praga que o consumia. Considerando-se tal discurso bíblico e a identificação com a doença retratada no texto sacro apresentado, não parece estranho, aos que compartilham deste discurso judaico-cristão, uma identificação do leproso com a culpa e com o pecado, bem como que estes devem ser mantidos isolados pela imundícia que marca sua carne. E se marca é porque o pecado e a culpa os consomem, eles são merecedores por não se manterem fieis à divindade.



O merecimento por tal praga se reforça em diferentes momentos do texto veterotestamentário seja como mandamento geral: “Guarda-de da praga da lepra, e tenhas cuidado de fazer conforme a tudo que te ensinarem os sacerdotes levitas” (BÍBLIA, Dt 24:8); seja como resultado da desobediência aos representantes do divino, em que se mostra que aqueles que desobedecem tem sobre si esta praga como uma sentença: “Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência” (BÍBLIA, 2Rs 5:27); “Indignando-se ele, pois, contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu à testa” (BÍBLIA, 2 Cr 26:19); “e eis que Miriã ficou leprosa como a neve/Assim ficou fora do arraial sete dias” (BÍBLIA, Nm 12:10; 15). Em tais excertos a culpa por uma transgressão contra os puros é evidenciada pelo castigo de se tornar imundo.

### **O MESSIAS E UM NOVO POSICIONAMENTO DE SUJEITO**

A partir do texto neotestamentário, a figura do leproso e sua identificação como imundo é confrontada não mais apenas pelos representantes da divindade, os sacerdotes, mas pela realidade do Deus encarnado, o messias, o Cristo. Nesta perspectiva que orienta e doutrina as bases propositivas do doutrinário cristão, a imagem da lepra e do leproso é retratada no confronto daqueles punidos com esta praga e a própria divindade, evidenciando tomada de posição no mínimo reveladora.

A perspectiva veterotestamentária até então analisada assegura à figura do leproso, o imundo, uma interpelação em sujeitar-se como culpado e como tal, merecedor do isolamento que lhe é imposto ideologicamente. No texto neotestamentário, um novo posicionamento dos sujeitos deste discurso se evidencia como pode notar-se a seguir: “E, eis que veio um leproso, e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo” (BÍBLIA, Mt 8:2). Há um posicionamento dúbio, pois, não é negado pelo sujeito a sua imundície já que busca a “limpeza” de sua carne, contudo, o contexto em que tal excerto é extraído revela uma nova tomada de posição pelo indivíduo. Aos imundos espera-se que mantenham-se isolados, contudo, no excerto acima, o Cristo está cercado por uma multidão e o leproso não apenas clama por limpeza, mas se aproxima do Cristo, logo, também da multidão que o cerca. Ele não nega sua tomada de posição como



imundo, mas momentaneamente nega aquilo que se espera de si, manter-se longe dos demais.

O próprio Cristo introduz em seu discurso esta possibilidade de exercer sobre o leproso a piedade, em detrimento do discurso veterotestamentário que coloca sobre tais sujeitos a imagem de um juízo divino executado por intermédio de seus representantes terrenos.

No discurso messiânico, a piedade orientada pode ser verificada na forma de mandamentos àqueles sobre os quais o messias compartilha de sua autoridade divina sobre os males que acometem o homem: “limpai os leprosos” (BÍBLIA, Mt 10:8); “os leprosos são limpos” (BÍBLIA, Mt 11:5). Em tais construções discursivas, a necessidade de limpar a carne que se encontra impura não é negada, mas é assegurada a possibilidade de que tal seja feito, o que implica no não dito de que o isolamento dos leprosos possa ser rompido. Afinal, como limpar o leproso sem se aproximar destes? No entanto o que se constrói no discurso precedente, veterotestamentário, é que os imundos devem permanecer isolados por todos os dias em que a praga permanecer sobre si. A partir da prerrogativa dos ensinamentos do messias institui-se a ordenança de limpar os leprosos, logo, aproximar-se daqueles com os quais havia uma idéia pré-construída de que não deveria haver proximidade. Nesta prerrogativa, não há um apagamento da idéia de imundo, esta ainda é característica que identifica os leprosos, mas há um efeito de sentido que se desenvolve no discurso messiânico e que possibilita a estes imundos, algo além do que o isolamento prescrito: a piedade e a possibilidade de purificação.

Contudo, apesar do discurso messiânico introduzir esta perspectiva e alguns indivíduos assujeitados com os imundos romperem o isolamento em busca do divino personificado, que relembra sua culpa, mas que também possibilita a expiação desta, há também uma tomada de posição entre os extremos do isolamento e da aproximação do divino em: “saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe” (BÍBLIA, Lc 17:12). A busca pelo divino que pode expurgar a culpa é tolhida pelo assujeitamento em ser imundo. É estar próximo daquele que representa o divino que institui a praga e que por isso mesmo pode destitui-la da carne que é marcada.



## O CONTEXTO RELIGIOSO ATUAL

Sem a pretensão de traçar uma correlação exaustiva, mas no sentido de tecer algumas considerações é que intentou-se traçar alguns possíveis posicionamentos na atualidade tendo em vista o texto sacro judaico-cristão e a figura do leproso. Sob tal égide, é que propomos que, possivelmente, denominações fortemente embasadas em um posicionamento judaizante, mais voltado para o texto veterotestamentário, possam endossar e persistir na idéia do leproso como culpado e pecador, logo imundo.

À figura do imundo associa-se a destituição da presença não apenas do divino, mas também do convívio com aqueles que não o são, o que pode reforçar uma atitude estigmatizadora do leproso como aquele que deve ser mantido isolado, dada a natureza de seu ser impuro e pecador. A este não deve ser ignorada uma certa culpa, que o responsabiliza pelo mal que o consome

Em contrapartida, é possível que denominações religiosas que sustentam o discurso neotestamentário estejam fortemente imbuídas de um senso de piedade que não nega que o leproso seja imundo, mas que possibilita a este a cura por intermédio do divino. Não lhe é negado o convívio, desde que seja curado, limpo, purificado da culpa pela qual foi acometido da praga da lepra.

Independentemente da posição discursiva enfatizada, a imagem de uma praga é recorrente, contudo, a posição adotada em relação ao indivíduo acometido por esta é distinta, sem, contudo negar uma certa posição reforçada, a figura do imundo.

### Considerações

O texto sacro bíblico tem na figura do leproso uma forte associação à culpa e, conseqüentemente, à punição divina, enfatizando a necessidade da purificação e do isolamento social daqueles que ainda não expurgaram tal mal de suas vidas. Contudo, o mesmo texto apresenta, sob a forma de um novo testamento, um ideário de purificação dos leprosos por seu contato com a divindade encarnada, o messias.

Tais posicionamentos podem servir como formas de tomadas de posição por denominações religiosas que tenham sustentação em tal discurso, possibilitando dois





extremos de abordagem, desde o isolamento e estigmatização até o exercício da piedade pelo oferecimento do contato do indivíduo impuro com a presença da divindade, dentre os quais é possível que se assuma uma miscelânea de comportamentos frente à figura da lepra e do leproso.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, E. D.; FERREIRA, T. L.; FERREIRA, I. N. **Hanseníase - Avanços e Desafios**. Brasília: NESPRON, 2014.
- BÍBLIA, **Bíblia de Estudo Scofield**. Texto Bíblico Almeida, Corrigida, Fiel (ACF). São Paulo – SP: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1997. Texto Bíblico Almeida, Corrigida, Fiel (ACF)
- FERREIRA, E. D. A. T. L. F. I. N. **Hanseníase - Avanços e Desafios**. Brasília: NESPRON, 2014.
- INDURSKY, F. Da Interpelação à Falha no Ritual: A Trajetória Teórica da Noção de Formação Discursiva. *In: Análise de Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ª ed. rev ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos Lugares. Proj. História, v. 10, dez., p. 7–28, 1993.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5ª. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Trad. de Beatriz Sidou.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1992. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro, RJ : DP & Aeditora. 2001.
- KANT, Emanuel. **O que é o esclarecimento**. Disponível em <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf>, acesso em maio de 2014.
- KUNDERA, Milan. **Ninguém vai rir**. 2007. Disponível em <http://citationneeded.wordpress.com/tag/milan-kundera/> acesso em agosto de 2014.
- MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de Museologia Social. *In: Cadernos de Museologia n°1, 1993*.
- PEREIRA, Eva Waisros. **Nas asas de Brasília**: Memórias de uma utopia educativa [1956-1964]. Editora UnB, 2012.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PEREIRA, Eva Wairsos e ROCHA, Lúcia. **Escola Parque de Brasília**: uma experiência de educação integral. Disponível em

:[http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/457EvaWairsos\\_LuciaRocha.pdf](http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/457EvaWairsos_LuciaRocha.pdf), acesso em junho de 2014.

PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. 2001. A memória em Minas Gerais: entre o descarte e a preservação. In: **Sociedade Brasileira de História da Educação** (Org.) Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: SBHE.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e museu**. Rio de Janeiro, MinC IPHAN DEMU, 2008. (Coleção Museu, Memória e Cidadania)

TEIXEIRA, Anísio Spínola. 1961. Plano das Construções Escolares de Brasília. In: **REBEP – Vol. XXXV – No. 81** – Janeiro – Março, 1961. Rio de Janeiro, GB.